

ARTHUR BISPO DO ROSARIO – PERCURSO E PRODUÇÃO

Cristina Penna

Criações como as de Arthur Bispo do Rosario ficaram por muito tempo esquecidas ou abandonadas em seus lugares de criação. Foi apenas a partir da primeira metade do século XX que produções de pessoas que viviam em hospitais psiquiátricos começaram a ser admiradas, reconhecidas, recolhidas, estudadas e incorporadas a coleções (públicas e privadas)¹.

No Brasil, existem, hoje, quatro museus que tratam e cuidam de coleções produzidas nesses lugares de apagamento: Museu Bispo do Rosario e Museu de Imagens do Inconsciente, localizados na cidade do Rio de Janeiro, além do Museu de Arte Osorio Cesar, em Franco da Rocha, São Paulo, e o Museu Oficina de Criatividade do Hospital São Pedro, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Juntos reúnem mais de 700 mil obras, acervos que não podem ser ignorados.

Nesse contexto histórico, estamos entregando ao público a catalogação do acervo de Arthur Bispo do Rosario, trabalho que começou em 2017, quando fui convidada para fazer o inventário de sua obra. Quase a totalidade dos trabalhos de Bispo está reunida no mesmo lugar em que foram produzidos²: a Colônia Juliano Moreira, onde Bispo permaneceu internado por 25 anos ininterruptos. Hoje, é lá o local que abriga o museu que leva seu nome.

Não sabemos ao certo o que foi produzido dentro ou fora do asilo. Bispo passou o período de março de 1954 a fevereiro de 1964 fora da Colônia e, nesse período, produziu obras que foram trazidas por ele ao asilo quando de seu retorno, em 1964.

Também desconhecemos o paradeiro de todas as suas obras. Um exemplo: o manto que Bispo usa na série de fotos feitas por Jean Manzon no Hospício da Praia Vermelha, quando o fotógrafo/cineasta registrou imagens fundamentais para se conhecer mais o artista e sua obra. Infelizmente, não sabemos o que aconteceu com esse Manto, assim como outras peças que estão em registros visuais como filmes, fotos, reproduções em recortes de jornais, cromos etc.

¹C.f. CRUZ JUNIOR, Eurípedes Gomes da. Do asilo ao museu: ciência e arte nas coleções da loucura. Hólos, Rio de Janeiro, 2024.

²Lula Vanderlei, artista e médico vinculado ao campo da saúde mental, comentou ter visitado, junto com o crítico de arte Frederico Moraes, uma fazenda no interior do Estado do Rio, onde Bispo teria vivido durante um período. Tempos depois, o filho do proprietário da fazenda, ofereceu a Lula um desenho de um barco atribuído a Bispo e que foi incorporado ao acervo do Museu Bispo do Rosario.

Vale lembrar aqui que a construção de um catálogo *raisonné* pressupõe que todas as obras, localizadas ou não, sejam registradas, com todas as informações possíveis, e ilustradas por qualquer imagem que se conheça (fotografia, fotograma de filme, reprodução em jornal ou revista etc.).

Deste trabalho de catalogação, realizado por mais de dois anos juntamente com minha assistente – a pesquisadora e *designer* Patricia Salles –, chegamos a um total de 978 obras catalogadas, incluindo mais de 160 resgatadas de um depósito que ali encontramos no início de nosso trabalho.

Na realidade, o importante é registrar que a obra do Bispo deve ser vista e entendida como uma obra só, composta por esse conjunto de quase mil itens que forma o “Inventário do Mundo”, e que ele assumiu fazer para, após a sua morte, subindo aos céus, levá-lo consigo, apresentando-o a Deus, vestindo seu Manto de Apresentação. O Manto registra, na parte externa, os objetos que constituem esse inventário. Na parte interna, estão inscritos os nomes das 332 mulheres que o acompanhariam nesse momento de grande epifania. Interessante registrar que esse rol de nomes incluía o da psiquiatra Dra. Nise da Silveira (1905-1999), uma das mais importantes personalidades da Luta Antimanicomial brasileira – o Brasil tem uma das mais modernas legislações do mundo sobre o assunto. Vale registrar que Bispo nunca encontrou a Dra. Nise, mesmo tendo sido internado por um certo período no, então, Hospital Psiquiátrico Pedro II, onde ela trabalhava e mantinha a Seção de Terapia Ocupacional e de Reabilitação (STOR), onde estavam os ateliês de pintura e modelagem, que ficaram famosos pela qualidade do que ali era produzido.

Após os dois anos de trabalho de catalogação, Patricia Salles e eu decidimos fazer a transcrição de tudo o que estava inscrito em cada item. Levamos mais de um ano nesse trabalho de grande desafio e que está agora à disposição de pesquisadores interessados em aprofundar o universo do artista. Bispo tinha uma escrita muito clara, no conteúdo e na forma, tanto o bordado quanto a escrita. São poucos os erros ortográficos e seus textos são bastante inteligíveis: relatos do cotidiano, pensamentos longos, listagens de nomes. Tudo registrado de maneira muito cuidadosa e clara. Estamos tratando de um conjunto de itens muito bem-produzidos e acabados.

Importante assinalar também que o conjunto da obra de Arthur Bispo do Rosario foi tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural do Estado do Rio de Janeiro /INEPAC, em 1994, e, em 2018, pelo Instituto Nacional do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/IPHAN.

Bispo e sua produção

Os materiais das obras de Arthur Bispo do Rosario sempre foram reutilizados, muitos já em adiantado estado de deterioração. É importante lembrar que o Brasil é um país tropical, onde as infestações de variadas espécies de insetos (térmitas, formigas, traças etc.) se desenvolvem em grande velocidade. Não esqueçamos também do abandono em que a obra de Bispo permaneceu por anos. Hoje, no entanto, o Museu tem uma reserva técnica muito bem cuidada e vem conseguindo fazer um trabalho permanente de conservação e restauro das obras. Podemos considerar, portanto, que a obra de Bispo do Rosario está a salvo.

Características das obras

Dentro da sucessão de desafios desse inventário, como acontece frequentemente nesse tipo de trabalho, foi necessário adotar novos padrões na catalogação, porque tudo é diferente na produção de Bispo do Rosario: as técnicas, os materiais, os temas/assuntos que as obras registram. Os termos tradicionais não são suficientes para caber na obra de Bispo do Rosario.

Bispo registrou seu mundo, a realidade de seu dia a dia, todos os núcleos que fizeram parte de sua vida:

- como marinheiro: com seus barcos, bandeiras de sinalização e objetos;
- como boxeador: pódios e ringues de luta;
- como funcionário da companhia de bondes e de fornecimento de energia elétrica: em seu Manto de Apresentação e seus estandartes, veem-se trilhos e postes de fiação de cabos elétricos;
- como paciente de hospitais psiquiátricos: inventariou o mobiliário do hospício, registrou os nomes dos profissionais e internos que trabalhavam e ou moravam ali na Colônia e em outros hospitais por onde passou;
- como leitor contumaz de revistas e jornais: extraiu nome de pessoas famosas – atores e atrizes, pessoas da alta sociedade citadas nas colunas sociais;
- como artista: registrou o nome de pessoas que o visitavam na Colônia - atores, jornalistas e pessoas comuns.

Os materiais utilizados por Bispo são, em sua maioria, restos que recolhia em suas caminhadas pelo hospital, mas ele também fazia escambo com pessoas com quem convivia.

Essas pessoas sabiam o que ele usava para criar suas obras. Havia muita curiosidade em torno de sua ocupação do conjunto de celas do Pavilhão 4, onde ficou internado por muitos anos.

Do hospício vinham as embalagens de mantimentos (latas e plásticos), vassouras, pedaços de madeiras, arames, lençóis, tecido (azul) dos uniformes dos doentes que ele desfiava e com cuja linha revestia os objetos (Objetos Revestidos de Fios Azuis = ORFAS) que criava para seu inventário.

Bispo recebia de pessoas que iam visitá-lo, de dentro e de fora do hospício, linhas com as quais bordava as inscrições nas peças que produzia (estandartes, fardões, faixas de miss). Também ganhava tintas usadas para escrever seu inventário (vitrines) de nomes de pessoas dos diferentes universos: atrizes famosas do cinema internacional, funcionários dos hospitais por onde passou, da Marinha ou da companhia de energia elétrica na qual trabalhou, ou simplesmente, registrava o nome de quem o visitava na Colônia.

Bispo tinha muita precisão com as mãos – costurava, bordava, certamente habilidades desenvolvidas na Marinha, onde foi como grumete, cargo de quem desempenha diferentes funções, auxiliando os marinheiros. Trabalhava também com carpintaria, montando estruturas (objetos e vitrines) que depois pintava com cal branca ou revestia com fios azuis (ORFAS). Esses fios revestiam peças inventariadas por ele próprio e que também eram identificadas por um número de inventário e o nome do objeto, bordados em linha geralmente branca.

Para realizar nosso trabalho de catalogação, partimos da relação de obras realizada, ainda nos anos 1990, por Denise Correia, na época, diretora do então Museu Nise da Silveira (atualmente, Museu Bispo do Rosario), responsável pelo primeiro olhar mais técnico para as obras de Bispo, e também da leitura muito aprofundada feita pelo crítico de arte Frederico Moraes, que estabeleceu um primeiro vocabulário controlado para categorizar³ os objetos inventariados por Bispo.

Vivemos ao longo do século XX uma infinidade de rupturas na História da Arte, o que ampliou enormemente os horizontes do entendimento da produção artística. Mas só recentemente as produções de hospitais, asilos, prisões etc. estão sendo aceitas como Arte, podendo entrar nos ditos palácios da cultura. Bravo! Mas não podemos, ou melhor, não devemos tirar de Bispo sua realidade, essa realidade que lhe deu as ferramentas necessárias para criar esse universo fantástico.

Christina Gabaglia Penna

Historiadora de arte com mestrado em museologia e patrimônio.

³MORAIS, Frederico. Arthur Bispo do Rosário: arte além da loucura; [organização e prefácio Flavia Corpas]. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nau editora, Livre Galeria, 2013. 296 p. il.